

A  
MISSÃO  
de DEUS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Wright, Christopher J. H.

A missão de Deus: desvendando a grande narrativa da Bíblia / Christopher J. H. Wright; tradução de Daniel Hubert Kroker, Thomas de Lima. — São Paulo: Vida Nova, 2014.

576 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-275-0590-1

Título original: *The Mission of God: Unlocking the Bible's Grand Narrative*

1. Missões 2. Deus 3. Bíblia 4. Missão da igreja I. Título II. Kroker, Daniel H. III. Lima, Thomas N. de

14-0633

CDD – 266.001

Índice para catálogo sistemático:

1. Missões

Christopher J. H. Wright

A  
MISSÃO  
de DEUS

Desvendando a  
grande narrativa da Bíblia

Tradução  
Daniel Hubert Kroker  
Thomas de Lima

  
VIDA NOVA

Copyright ©2006 Christopher J. H. Wright

Título original: *The Mission of God: Unlocking the Bible's Grand Narrative*

Traduzido a partir da primeira edição publicada pela Inter Varsity Press, Norton Street, Nottingham NG7 3HR, Inglaterra

1ª edição: 2014

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA, Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970  
www.vidanova.com.br | e-mail: vidanova@vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em citações breves com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas, salvo indicação contrária, foram extraídas da versão Almeida Século 21, publicada no Brasil com todos os direitos reservados por Sociedade Religiosa Edições Vida Nova.

ISBN 978-85-275-0590-1

Impresso no Brasil | *Printed in Brazil*

---

SUPERVISÃO EDITORIAL

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Valdemar kroker

COPIDESQUE

Thomas de Lima

Ingrid Neufeld de Lima

REVISÃO TÉCNICA

Arthur Wesley Düick

REVISÃO DE PROVAS

Sylmara Beletti

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Luciana Di Iorio

CAPA

Sally Ormesher

(adaptação Herbert Guedes)

IMAGEM DA CAPA

© Corbis

---



A marca FSC é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

# Sumário

Plano detalhado do livro .....	7
Prefácio.....	15
Introdução.....	19
<b>Parte I: A BÍBLIA E A MISSÃO.....</b>	<b>27</b>
1 Buscando uma hermenêutica missional .....	31
2 Moldando uma hermenêutica missional.....	47
<b>Parte II: O DEUS DA MISSÃO.....</b>	<b>71</b>
3 O Deus vivo se torna conhecido em Israel.....	75
4 O Deus vivo se torna conhecido em Jesus Cristo .....	107
5 O Deus vivo confronta a idolatria .....	139
<b>Parte III: O POVO DA MISSÃO.....</b>	<b>195</b>
6 O povo eleito de Deus: <i>escolhido paraabençoar</i> .....	197
7 O povo específico de Deus: <i>escolhido em favor de todos</i> .....	231
8 O modelo divino de redenção: <i>o Êxodo</i> .....	275
9 O modelo divino de restauração: <i>o jubileu</i> .....	301
10 O alcance da aliança missional de Deus .....	339
11 A vida do povo missional de Deus.....	373
<b>Parte IV: O PALCO DA MISSÃO .....</b>	<b>409</b>
12 A missão e a Terra de Deus .....	413
13 A missão e a imagem de Deus.....	439
14 Deus e as nações na visão do Antigo Testamento.....	475
15 Deus e as nações na missão do Novo Testamento.....	525
Epílogo.....	557
Bibliografia.....	561



# Plano detalhado do livro

Prefácio

Introdução

## Parte I: A BÍBLIA E A MISSÃO

### 1 BUSCANDO UMA HERMENÊUTICA MISSIONAL

#### *Para além do “fundamento bíblico da missão”*

Apologética bíblica da missão

O perigo de utilizar textos como pretextos

#### *Para além das perspectivas hermenêuticas multiculturais*

Igreja global, hermenêutica global

A missão como foco de coerência hermenêutica

#### *Para além das teologias contextuais e leituras de defesa*

Contextos e interesses

Desconstruindo o estereótipo do missionário

A leitura missional defende a libertação

#### *Para além da hermenêutica pós-moderna*

Pluralidade sim, relativismo não

A missão cristã tem longa experiência com desafios “pós-modernos”

### 2 MOLDANDO UMA HERMENÊUTICA MISSIONAL

#### *A Bíblia como resultado da missão de Deus*

#### *Autoridade bíblica e missão*

A autoridade como ordem

Autoridade e realidade

Autoridade e Jesus

#### *Indicativos e imperativos bíblicos na missão*

***A cosmovisão teocêntrica da Bíblia e a missão de Deus***

- Deus com uma missão
- A humanidade com uma missão
- Israel com uma missão
- Jesus com uma missão
- A igreja com uma missão

***Um mapa hermenêutico*****Parte II: O DEUS DA MISSÃO****3 O DEUS VIVO SE TORNA CONHECIDO EM ISRAEL*****Conhecendo a Deus por meio da experiência da graça de Deus***

- O Êxodo
- O retorno do Exílio

***Conhecendo a Deus por meio da exposição a seu juízo***

- Egito
- Israel no Exílio
- As nações sob juízo

***Sumário*****4 O DEUS VIVO SE TORNA CONHECIDO EM JESUS CRISTO*****Jesus compartilha a identidade de YHWH***

- Maranata!
- Kyrios Iēsous!*

***Jesus desempenha as funções de YHWH***

- Criador
- Regente
- Juiz
- Salvador

***Jesus cumpre a missão de YHWH***

- Deus deseja ser conhecido por meio de Jesus
- O evangelho leva o conhecimento de Deus às nações

***Monoteísmo bíblico e missão bíblica***

- A missão bíblica é impulsionada pela vontade de Deus de ser conhecido como Deus
- O monoteísmo bíblico envolve o conflito cristológico constante
- O monoteísmo bíblico gera louvor

## 5 O DEUS VIVO CONFRONTA A IDOLATRIA

### *Os paradoxos dos deuses*

Algo ou nada?

Ídolos e deuses como objetos na criação

Ídolos e deuses como demônios

Ídolos e deuses como obra de mãos humanas

Crítica e esperança

### *A missão e os deuses*

Identificando a distinção fundamental

Discernindo os deuses

Expondo os deuses

Lembrando que a batalha é do Senhor

### *Confrontando a idolatria*

Argumento teológico

Engajamento evangelístico

Orientação pastoral

Advertência profética

### *Conclusão*

## Parte III: O POVO DA MISSÃO

## 6 O POVO ELEITO DE DEUS: ESCOLHIDO PARA ABENÇOAR

### *O evangelho de Paulo*

### *O exemplo de Abraão*

Gênesis 12.1-3 — Um texto fundamental

A história até aqui

### *Gênesis 12.1-3 — Um exame mais atento*

Tradução e estrutura

Sair e abençoar

Contrapondo Babel

A promessa se desenvolve

Obediência da aliança e missão

### *“Sai [...] e tu serás uma bênção”*

A bênção é criacional e relacional

A bênção é missional e histórica

A bênção é aliancística e ética

A bênção é multinacional e cristológica

### *Conclusão*

## 7 O POVO ESPECÍFICO DE DEUS: ESCOLHIDO EM FAVOR DE TODOS

### ***Universalidade — Ecos de Abraão no Antigo Testamento***

- O Pentateuco
- Os Livros Históricos
- Os Salmos
- Os profetas

### ***Universalidade — Ecos de Abraão no Novo Testamento***

- Os Evangelhos Sinóticos e Atos
- Paulo
- Apocalipse
- Todas as nações em todas as Escrituras

### ***Particularidade — “Por meio de ti e da tua descendência”***

- “Por meio de ti”: o meio específico da bênção de Deus
- A natureza única da eleição de Israel
- Conclusão: eleição bíblica e missão

## 8 O MODELO DIVINO DE REDENÇÃO: O ÊXODO

### ***“O povo que redimiste”***

- A abrangente redenção de Deus*
- Política
- Econômica
- Social
- Espiritual

### ***A motivação para a redenção de Deus***

- Deus não se esquece dos oprimidos
- Deus se lembra da aliança
- O modelo divino de redenção

### ***Êxodo e missão***

- A interpretação espiritualizante
- A interpretação politizante
- A interpretação integral

## 9 O MODELO DIVINO DE RESTAURAÇÃO: O JUBILEU

### ***O jubileu no devido contexto***

- O ângulo social: o sistema de grupos de parentesco em Israel
- O ângulo econômico: o sistema de posse de terras em Israel
- O ângulo teológico: terra de Deus, povo de Deus
- As provisões práticas do jubileu

***Jubileu, ética e missão***

- O ângulo econômico: acesso a recursos
- O ângulo social: viabilidade da família
- O ângulo teológico: uma teologia para o evangelismo

***Jubileu, esperança para o futuro e Jesus***

- Olhando para o futuro
- Olhando para Jesus
- Olhando para o Espírito

***O Novo Testamento e a missão holística***

- A missão holística resulta da aplicação integral da Bíblia
- O desafio político radical de Jesus e da igreja primitiva

***A centralidade da cruz***

- Uma teologia da cruz centrada na missão
- Uma teologia da missão centrada na cruz

***Práticas e prioridades***

- Primazia ou completude?
- Evangelismo e envolvimento social: a galinha ou o ovo?
- A missão holística precisa da igreja inteira

**10 O ALCANCE DA ALIANÇA MISSIONAL DE DEUS*****Noé***

- O compromisso de Deus com toda a vida na Terra
- A dimensão ecológica da missão

***Abraão***

- O contexto canônico: Gênesis 1—11
- A universalidade do alvo supremo
- A especificidade dos meios

***Sinai***

- A missão de Deus e o sacerdócio de Deus: Êxodo 19.4-6
- A missão de Deus e a presença de Deus: Levítico 26.11-13
- A missão de Deus e o prognóstico de Deus: Deuteronômio 27—32

***Davi***

- Um rei segundo os propósitos de Deus
- Um rei para todas as nações
- Uma casa de oração para todas as nações
- O filho maior do grande Davi

***A nova aliança***

Esperanças proféticas

O “sim” da aliança em Cristo

A missão e a extensão da aliança para abranger as nações

A Grande Comissão como a ordem da nova aliança

A missão realizada como o ápice da aliança

**11 A VIDA DO POVO MISSIONAL DE DEUS*****Ética missional e eleição – Gênesis 18***

Sodoma: modelo do nosso mundo

Abraão: modelo da missão de Deus

“O caminho do SENHOR”: modelo para o povo de Deus

***Ética missional e redenção — Êxodo 19***

A iniciativa redentora de Deus

A posse universal de Deus

A identidade e a responsabilidade de Israel

***Ética missional e aliança — Deuteronômio 4***

Deuteronômio 4.1-40: visão geral

A visibilidade da sociedade de Israel (Dt 4.6-8)

A exclusividade da adoração de Israel (Dt 4.9-31)

A singularidade da experiência de Israel (Dt 4.35)

A responsabilidade missional da obediência de Israel

***Ética missional e a igreja***

Eleição e ética

Redenção e ética

Aliança e ética

**Parte IV: O PALCO DA MISSÃO****12 A MISSÃO E A TERRA DE DEUS*****A Terra é do Senhor***

A bondade da criação

A santidade (mas não a divindade) da criação

A Terra toda como o campo da missão de Deus e nossa

A glória de Deus como o objetivo da criação

A redenção divina de toda a criação

***O cuidado da criação e a missão cristã***

O cuidado da criação é uma questão urgente no mundo atual

O cuidado da criação é fruto do amor e da obediência a Deus

O cuidado da criação é um exercício do nosso papel sacerdotal e régio na Terra

O cuidado da criação é um teste da nossa motivação missional

O cuidado da criação é uma oportunidade profética para a igreja

O cuidado da criação incorpora um equilíbrio entre compaixão e justiça

### ***Conclusão***

## **13 A MISSÃO E A IMAGEM DE DEUS**

### ***A humanidade à imagem de Deus***

Criados à imagem de Deus

Criados para uma tarefa

Criados em um relacionamento

### ***A humanidade em rebelião***

O pecado afeta todas as dimensões do ser humano

O pecado afeta a sociedade e a história humana

O pecado afeta todo o ambiente da vida humana

### ***Um mal paradigmático? A AIDS e a missão da igreja***

As dimensões do mal no contexto da AIDS

As dimensões da missão na resposta à AIDS

A supremacia final do evangelho, e a não supremacia final da morte

### ***Sabedoria e cultura***

Uma ponte internacional

Uma ética criacional

Uma fé honesta

## **14 DEUS E AS NAÇÕES NA VISÃO DO ANTIGO TESTAMENTO**

### ***As nações na criação e na providência***

As nações são parte da humanidade criada e redimida

Todas as nações estão sujeitas ao juízo de Deus

Qualquer nação pode ser agente do juízo de Deus

Qualquer nação pode receber a misericórdia de Deus

A história de todas as nações está sob o controle de Deus

### ***As nações como testemunhas da história de Israel***

Testemunhas dos poderosos atos redentores de Deus

Testemunhas das obrigações aliancísticas de Israel

Testemunhas do juízo de Deus contra Israel

Testemunhas da restauração divina de Israel

***As nações são beneficiárias da bênção de Israel***

Salmo 47

Salmo 67

***As nações adorarão o Deus de Israel***

Salmos

Profetas

***As nações serão incluídas na identidade de Israel***

Registradas na cidade de Deus

Abençoadas com a salvação de Deus

Aceitas na casa de Deus

Chamadas pelo nome de Deus

Unidas ao povo de Deus

**15 DEUS E AS NAÇÕES NA MISSÃO DO NOVO TESTAMENTO*****Um mandato missional no Antigo Testamento?***

Jesus e os Evangelistas

Jesus e os gentios

Os Evangelistas e os gentios

A citação das Escrituras que se concentra nos gentios

***A igreja primitiva em Atos***

Pedro e Filipe

Tiago e o Concílio de Jerusalém

A adoção paulina da missão do Servo

***O apóstolo Paulo***

As nações estão vendo o que Deus realizou

As nações estão se beneficiando do que Deus realizou

As nações estão trazendo sua adoração a Deus

As nações estão compartilhando a identidade de Israel

***Epílogo***

Bibliografia

Índices

## Prefácio

“Em que você está trabalhando no momento?”. Tem sido difícil dar uma resposta objetiva a essa pergunta frequente nos últimos anos de trabalho neste livro. “Um livro sobre a Bíblia e missão” é a resposta que costumo dar, mas nunca tive certeza sobre qual palavra colocar antes. Estou tentando compreender a missão cristã à luz da Bíblia ou a Bíblia à luz da missão de Deus? Ou, em termos que explico na introdução a seguir, este livro é uma teologia bíblica da missão ou é uma interpretação missional da Bíblia? Creio que o produto final seja provavelmente um pouco das duas coisas, com ênfase maior na segunda. Muitos outros escreveram livros bons e abrangentes que estabelecem um fundamento bíblico para a missão cristã. Meu objetivo principal foi desenvolver uma abordagem da interpretação bíblica que veja a missão de Deus (e a participação do povo de Deus nela) como uma estrutura na qual podemos ler a Bíblia toda. A missão, a meu ver, é uma chave mestra que abre para nós a grande narrativa do cânon bíblico. Nesse sentido, ofereço este estudo não só como uma reflexão bíblica sobre a missão, mas também, espero, como um exercício de teologia bíblica.

Os livros que oferecem uma teologia bíblica da missão costumam apresentar uma seção que trata do Antigo Testamento, seguida de outra sobre o Novo (esta, geralmente, muito maior). Então, em cada seção (mas especialmente na segunda), eles tendem a examinar diferentes partes do cânon, ou isolar a teologia missional de autores específicos, como os respectivos autores dos Evangelhos, o apóstolo Paulo e assim por diante.

A abordagem que adotei é um pouco diferente. Busquei identificar alguns dos temas fundamentais que permeiam a grande narrativa bíblica como um todo — temas que são pilares essenciais da visão de mundo bíblica e, também, portanto, da teologia bíblica: monoteísmo, criação, humanidade, eleição, redenção, aliança, ética, esperança para o futuro. Em cada caso, procurei atentar plenamente às raízes do conceito no Antigo Testamento antes de prosseguir ao seu desenvolvimento, cumprimento ou extensão no Novo. Portanto, a maioria dos capítulos inclui reflexões baseadas em ambos os Testamentos, alternando, às vezes, entre um e outro.

Como, por mais de trinta anos, minha área de interesse especial tem sido o Antigo Testamento, é inevitável que os textos e temas desse Testamento tenham recebido, neste livro, muito mais espaço e uma análise muito mais profunda. Houve um tempo em que este volume me parecia destinado a ser uma simples teologia missional do Antigo Testamento (e a verdade é que são poucos os bons livros do gênero). No entanto, escrevo como teólogo cristão e, embora eu tenha o propósito de ler e ouvir o Antigo Testamento levando em conta sua própria integridade e em seus próprios termos, não posso deixar de lê-lo como cristão. No meu entendimento, isso significa lê-lo em submissão Àquele que afirmou ser o foco e cumprimento derradeiros do Antigo Testamento — Jesus Cristo, à luz das Escrituras do Novo, que dão testemunho dele e da missão que ele confiou aos discípulos. No fim das contas, contudo, se neste livro o Antigo Testamento recebe muito mais espaço que o Novo, creio poder afirmar que o mesmo se pode dizer, afinal, da própria Bíblia.

Como meu principal objetivo tem sido defender uma interpretação missiológica da teologia bíblica, não achei necessário dedicar um espaço monumental a notas de rodapé para documentar todas as minúcias da exegese acadêmica ou das análises críticas dos textos a que me refiro. Para certos textos de importância fundamental ao meu argumento, busquei apresentar a devida exegese e documentação. Em muitos outros casos, os acadêmicos ou estudantes que queiram examinar tais questões nas publicações acadêmicas e nos comentários saberão onde encontrá-los.

Todo autor sabe o quanto deve a outros no desenvolvimento das próprias ideias e perspectivas. Assim, ofereço minha sincera gratidão a muitas pessoas que trilharam essa estrada comigo, algumas por mais tempo, outras, mais brevemente. Elas incluem:

Duas décadas de estudantes do Union Biblical Seminary, em Pune, Índia, e do All Nations Christian College, na Inglaterra, que acompanharam o desenvolvimento da minha busca de relacionar a Bíblia à missão ao longo de mais aulas do que qualquer um de nós possivelmente queira lembrar, muitos dos quais continuam enfrentando essa questão no trabalho missionário prático no mundo inteiro.

Jonathan Bonk, diretor do Overseas Ministries Study Center, em New Haven, Connecticut, e Gerald Anderson antes dele, que, vez após vez, junto com sua maravilhosa comunidade e equipe, receberam-me com muita hospitalidade no OMSC, onde realizei pesquisas e escrevi para este projeto.

John Stott, cujo encorajamento e orações por mim foram constantes ao longo deste projeto, e que graciosamente me deu frequente acesso a seu chalé de retiro, o Hookses, na costa oeste do País de Gales, para a realização deste trabalho.

O Langham Partnership International Council, que não só me deu um emprego por meio do qual mantenho contato com a realidade da missão mundial, mas que também me dá a oportunidade, todos os anos, de ter um tempo destinado a estudar e escrever.

Eckhard J. Schnabel, M. Daniel Carroll R., Dean Flemming e Dan Reid, que leram o manuscrito original e cujas dezenas de comentários críticos construtivos me ajudaram a esclarecer e aperfeiçoar o que eu quis exprimir em muitas partes do texto. Também sou grato a Chris Jones pela ajuda na preparação dos índices.

Minha esposa e família, que foram tão encorajadores (e pacientes) neste projeto como em todos os anteriores, representados na dedicatória deste livro por aquele que, assim como Israel o foi para Deus, é o nosso filho primogênito, Tim, e por sua esposa Bianca, com a alegria e a oração de 3João 4.

*Christopher J. H. Wright*



# Introdução

Lembro-me tão nitidamente deles na minha infância — dos enormes *banners* com versículos nas paredes das convenções missionárias na Irlanda do Norte, onde eu ajudava meu pai no estande da Unevangelized Fields Mission (Missão dos Campos não Evangelizados), missão da qual ele era o secretário irlandês após ter passado vinte anos no Brasil. “Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura”, a isso me exortavam, junto com outros imperativos semelhantes em caligrafia gótica chamativa. Com 12 anos de idade, eu podia citar todos os textos-chave — “Portanto, ide, fazei discípulos...” “Como ouvirão...?” “Sereis minhas testemunhas [...] até os confins da terra”. “Quem irá por nós [...] Aqui estou eu, envia-me”. Esses versículos missionários me eram bastante familiares. Eu havia respondido com entusiasmo a muitos sermões inspiradores sobre a maioria deles.

Aos 21 anos, eu tinha um diploma em Teologia pela Universidade de Cambridge, na qual, curiosamente, esses mesmos versículos estiveram ausentes. Pelo menos, é curioso para mim hoje. Na época, não parecia haver nenhuma conexão entre teologia e missão na mente dos professores, nem na minha, e nem mesmo, até onde eu sabia, na mente de Deus. A *teologia* tratava exclusivamente de Deus — de como Deus era, o que Deus havia dito, o que Deus havia feito e o que as pessoas (em geral, já mortas) haviam especulado sobre esses três itens. Já a *missão* dizia respeito a nós, os vivos, e àquilo que havíamos feito desde William Carey (que, é claro, tinha sido o primeiro missionário, ou pelo menos esta era nossa ideia equivocada).

“Missão é o que *nós* fazemos”. Essa era a pressuposição, fundamentada, obviamente, em claros mandamentos bíblicos. “Jesus me envia, disso eu sei, porque a Bíblia assim me diz”. Muitos anos depois (incluídos aí os anos em que ensinei teologia como missionário na Índia), eu estava lecionando um módulo chamado “A base bíblica da missão” no All Nations Christian College — um centro internacional de treinamento missionário e pós-graduação no sudoeste da Inglaterra. O próprio título do módulo inclui a pressuposição de que estou falando. *Missão* é o substantivo, a premissa concreta. É algo que *nós* fazemos, e basicamente sabemos o que é. *Bíblica* é o adjetivo, usado para justificar o que já sabemos que deveríamos estar fazendo. A razão de sabermos que

deveríamos fazer missão — o fundamento ou a base com que a justificamos — precisa ser encontrada na Bíblia. Como cristãos, necessitamos de uma base bíblica para tudo o que fazemos. Qual é então, “a base bíblica da missão”? Arrole os versículos. Acrescente algumas passagens nunca usadas por outro autor. Correlacione os textos de modo teologicamente perspicaz. Acrescente uma pitada de fervor motivacional. A turma, para a satisfação do professor, apreciará a aula. Agora eles têm um fundamento bíblico mais abrangente para aquilo em que já acreditavam, porque, afinal, são alunos do All Nations. Eles só vieram à faculdade porque têm um compromisso com a missão.

Essa caricatura branda não tem a mínima intenção depreciativa. Acredito profundamente que missão é o que devemos fazer, e acredito que a Bíblia a defende e ordena. No entanto, quanto mais eu lecionava essa disciplina, mais a apresentava aos alunos dizendo que gostaria de renomeá-la. Em vez de se chamar “A base bíblica da missão”, a disciplina deveria ser chamada “A base missional da Bíblia”. Eu queria que eles vissem que a Bíblia não só contém vários textos que fornecem uma base para a atividade missionária, mas que *a própria Bíblia como um todo* é um fenômeno “missional”. Os próprios livros que agora compõem nossa Bíblia são resultado e testemunho da grande missão de Deus. A Bíblia apresenta a história da missão de Deus, por meio do povo de Deus, no envolvimento deste com o mundo de Deus e em prol de toda a criação de Deus. A Bíblia é o enredo desse Deus comprometido com a missão de alcançar esse propósito universalmente, incluindo o passado, o presente e o futuro, Israel e as nações, “a vida, o universo e tudo o que há”, com o centro, foco, ápice e consumação de tudo isso em Jesus Cristo. A missão, portanto, não se resume a um item em uma lista de coisas que a Bíblia menciona por acaso, algumas com mais urgência do que outras. A missão, na verdade, é a essência da Bíblia.

## Algumas definições

A esta altura, é uma boa ideia oferecer algumas definições sobre a forma como pretendo usar, neste livro, o termo *missão*, bem como as seguintes palavras relacionadas: *missionário*, *missional* e *missiológico*.

*Missão*. Pelas reminiscências que menciono antes, logo fica claro que considero insatisfatório o uso popular da palavra *missão* (ou *missões*, como normalmente se usa) exclusivamente em relação a atividades humanas de vários tipos. Não questiono de modo algum a validade da participação cristã ativa na missão, mas pretendo defender, ao longo deste livro, o fato de que a *missão de Deus* tem prioridade teológica. *Fundamentalmente, nossa missão (se esta for bíblicamente definida e validada) designa nossa participação ativa como povo de Deus, a convite de Deus, segundo o mandamento de Deus, na missão do próprio Deus, realizada na história do mundo de Deus, para a redenção da criação de Deus.* Nossa missão flui da missão de Deus e dela participa.

Além disso, não me satisfazem as abordagens da missão que enfatizam apenas as “raízes” da palavra no verbo latino *mitto*, “enviar”, e então identificam seu significado principal na dinâmica de enviar ou ser enviado. Mais uma vez, não tenho dúvidas quanto à importância do tema na Bíblia. Parece-me, contudo, que se definimos *missão* somente em termos de “enviar”, estamos necessariamente excluindo do nosso estoque de recursos importantes vários outros aspectos do ensino bíblico que, direta ou indiretamente, influenciam nossa compreensão da missão de Deus, bem como nossa prática da missão.

De modo geral, usarei o termo *missão* no sentido mais abrangente de: um propósito ou alvo de longo prazo que deve ser alcançado por meio de objetivos próximos e ações planejadas. No escopo dessa missão ampla (aplicando-se o termo a qualquer grupo ou empreendimento) há espaço para missões subordinadas, no sentido de tarefas específicas, designadas a uma pessoa ou grupo, que devem ser realizadas como passos no cumprimento da missão maior. No mundo secular, as “declarações de missão” ou “declarações de propósito” (“A nossa missão é...”) parecem estar bastante em voga. Mesmo os restaurantes (cuja razão de ser, até onde sei, não é mistério para ninguém) vez ou outra as exibem nas janelas da fachada, tentando imprimir à tarefa de servir refeições aos clientes um sentido maior de missão. Empresas, escolas e instituições de caridade — e mesmo algumas igrejas (cujo propósito na vida deveria ser mais óbvio do que realmente é, inclusive para os membros) — consideram útil dispor de uma declaração de missão que resuma o propósito de sua existência e o que elas esperam realizar. A Bíblia nos apresenta um retrato de Deus no qual encontramos um propósito inquestionável. O Deus que trilha os caminhos da história ao longo das páginas da Bíblia afixa uma declaração de propósito em cada placa de sinalização da jornada. Posso dizer que a missão deste livro é explorar esse propósito ou missão divina — e tudo o que está por trás e que flui dessa missão — no que diz respeito ao próprio Deus, ao seu povo e ao seu mundo, segundo a revelação que temos dela na Palavra de Deus.

*Missionário.* A palavra é, em geral, usada como substantivo, referindo-se às pessoas envolvidas na atividade missionária, normalmente numa cultura que não seja a sua. Tem, de forma ainda mais clara que a palavra “missão”, a conotação de “ser enviado”. Os missionários são tipicamente aqueles que as igrejas ou agências enviam para trabalhar na missão. A palavra também é usada como adjetivo, como em “o mandato missionário” ou “pessoa com fervor missionário”. Infelizmente, a palavra também deu origem a certa caricatura — o estereótipo do missionário —, lamentável efeito colateral das grandes campanhas missionárias empreendidas, nos séculos 19 e 20, pelas igrejas ocidentais. Ainda hoje, o termo *missionário* traz à mente a imagem de expatriados brancos e ocidentais entre os “nativos” em países longínquos — e isso continua ocorrendo, o que é ainda mais lamentável, em igrejas que deveriam ser menos ingênuas, e certamente

já deveriam saber que hoje a maioria dos missionários transculturais não são ocidentais, mas vêm das crescentes igrejas autóctones dos países em desenvolvimento. Por isso, muitas agências missionárias que atualmente constroem redes e parcerias com igrejas e agências do mundo todo preferem evitar o termo *missionário*, devido às imagens mentais obsoletas que ele sugere, preferindo descrever os envolvidos na obra como “parceiros da missão”.

Em vista da associação dominante da palavra *missionário* com o ato de enviar e com a comunicação transcultural do evangelho — isto é, com uma dinâmica de missão amplamente centrífuga —, prefiro não usar o termo em relação ao Antigo Testamento. Em minha opinião (com a qual nem todos concordam), Israel não recebeu o mandato divino de enviar missionários às nações. Assim, ainda que este livro dê provas abundantes de que leio o Antigo Testamento de forma missiológica, prefiro não falar em uma “mensagem missionária do Antigo Testamento” (título de um antigo e excelente livro de H. Rowley, de 1944).<sup>1</sup> Há muitos recursos bíblicos (tanto no Antigo Testamento quanto no Novo) que, apesar de serem profundamente enriquecedores para nosso entendimento da missão no sentido mais amplo (especialmente a missão de Deus), não tratam do envio de missionários. Portanto, provavelmente não é adequado referir-se a esses textos e temas como “missionários”.<sup>2</sup> Infelizmente, contudo, até pouco tempo atrás *missionário* parecia ser o único adjetivo derivado da palavra *missão* com o qual contávamos. Mas há um novo adjetivo que já começa a ser empregado de modo mais amplo e com justiça.

*Missional*. O adjetivo *missional* denota, simplesmente, alguma coisa relacionada à missão ou caracterizada por ela, ou que tem as qualidades, atributos ou dinâmicas da missão. *Missional* está para *missão* assim como ficcional para *ficção*. Podemos falar, portanto, de uma interpretação *missional* do Êxodo, que explora o significado dinâmico da missão de Deus para Israel e o mundo, e sua relevância para a missão cristã atual. Ou então podemos afirmar que Israel tinha uma função *missional* entre as nações — querendo com isso dizer que sua identidade e função estavam ligadas à intenção final de Deus de abençoar as nações. Assim, eu argumentaria que a razão da existência de Israel era *missional*, o que não significa que ele tivesse um mandato *missionário* de ir às nações (ao passo que podemos, sem dúvida, falar do papel *missionário* da igreja entre as nações).

<sup>1</sup>H. H. Rowley, *The Missionary Message of the Old Testament* (Londres: Carey Press, 1944).

<sup>2</sup>É interessante, todavia, que o termo *missio Dei* (missão de Deus), em seu uso mais primitivo, referia-se ao envio interior de Deus — isto é, o envio do Filho ao mundo pelo Pai, e o envio do Espírito Santo pelo Pai e pelo Filho. É nesse sentido (entre outros) que John Stott pode falar em nosso “Deus missionário”; ver “Our God Is a Missionary God” em John Stott, *The Contemporary Christian* (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1992), p. 321-36. [Edição em português: *Ouçã o Espírito, ouçã o mundo*, trad. Silêda Silva Steuernagel. São Paulo: ABU, 1997].

*Missiologia e missiológico.* Missiologia é o estudo da missão. Ele inclui reflexão e pesquisa bíblica, teológica, histórica, contemporânea e prática. Portanto, usarei o adjetivo *missiológico* quando estiver tratando deste aspecto teológico ou reflexivo da missão. Nos dois exemplos anteriores, também seria possível falar de uma interpretação missiológica de Êxodo, mas seria menos adequado falar de uma função missiológica de Israel entre as nações. Na verdade, neste último caso é justamente pelo fato de as expressões “função missionária” e “função missiológica” não serem satisfatórias que a palavra *missional* se demonstra cada vez mais útil.

## **A jornada diante de nós**

Uma breve palavra é necessária, agora, quanto à estrutura do livro. Voltando à minha lembrança pessoal: por anos continuei lecionando “A base bíblica da missão”. Uma vez, comecei minha aula introdutória abordando uma questão específica que costumo mencionar casualmente no início do curso — a base missional da própria Bíblia. Isso se deveu em parte à cultura teológica vigente no All Nations Christian College, que enfatizava a importância de abordar todo assunto do currículo de uma perspectiva missiológica. Acontece que eu também lecionava o módulo sobre a doutrina das Escrituras e a hermenêutica bíblica, e foi natural, portanto, que me perguntasse de que maneira uma perspectiva missiológica influenciaria nossa compreensão das Escrituras — o que elas são em si mesmas, como vieram a assumir a forma atual, e as pressuposições e princípios hermenêuticos com que as abordamos como leitores. Meu pensamento tendia a alternar entre as duas disciplinas de forma mutuamente fecunda. A missão bíblica e a hermenêutica bíblica pareciam se transformar uma na outra de maneiras inesperadas, porém fascinantes.

Mas a necessidade de examinar com mais cuidado essa possível hermenêutica missiológica da Bíblia foi também um desafio proposto por um colega de outra instituição. Em 1998, fui convidado a proferir a Palestra Laing no London Bible College (agora chamado de London School of Theology [LST]). Ofereci o título: “‘Então saberão que eu sou o Senhor, reflexões missiológicas sobre o ministério e a mensagem de Ezequiel”. Na época eu trabalhava em minha exposição de Ezequiel na série *The Bible Speaks Today* [A Bíblia Fala Hoje] e essa era uma boa oportunidade de expor essas reflexões a críticas amistosas. E, de fato, foi o que elas produziram.

Em resposta a mim, Anthony Billington (professor de hermenêutica na LST), ainda que entusiasmado com o conteúdo de minha palestra, levantou questionamentos a respeito da validade do uso da missiologia como estrutura fundamental para interpretar o livro de Ezequiel (ou qualquer outro texto bíblico). Obviamente, há várias estruturas fundamentais segundo as quais

os textos podem ser interpretados (feminista, psicológica, dispensacionalista etc.). Não é intrinsecamente errado que assim seja, já que todos precisamos começar em algum lugar. Mas, argumentou Billington, a questão é:

Essa ou aquela estrutura fundamental realmente *faz jus* ao ponto central do texto em seu contexto bíblico-teológico? Ou será que *distorce* o texto? Em outras palavras, não é que abordar um texto segundo uma estrutura fundamental seja necessariamente errado em si mesmo, nem que fazê-lo não possa iluminar o texto de maneiras significativas — isso ocorre com frequência. A questão, antes, é que tipo de *controle* a estrutura fundamental exerce sobre o texto e se o intérprete permite que o próprio texto *critique* a estrutura fundamental a qualquer altura do processo.<sup>3</sup>

O desafio totalmente apropriado das palavras de Billington me levou a refletir mais sobre o que uma hermenêutica bíblica das Escrituras realmente significa, e se ela de fato é a estrutura fundamental que faz jus ao texto ou se, em vez disso, o distorce. Esta é a preocupação de que busco tratar na parte I, “A Bíblia e a missão”. Meu objetivo neste livro não é só demonstrar (como muitos outros fizeram) que a missão cristã está plenamente fundamentada nas Escrituras (ainda que minha atenção propositada a suas raízes no Antigo Testamento seja maior que a da maioria dos livros sobre o assunto), mas também demonstrar que uma teologia sólida da missão de Deus nos dá uma estrutura fundamental hermenêutica fecunda pela qual a Bíblia toda pode ser lida.

Desse modo, no primeiro capítulo examino alguns dos passos que já foram dados no sentido de desenvolver uma hermenêutica missiológica, mas defendo que é necessário um esforço mais aprofundado, que vá além deles. O capítulo 2 é um esboço do que penso serem as implicações de uma hermenêutica missiológica da Bíblia. Se as estruturas hermenêuticas fundamentais são como mapas do território da Bíblia, então o único critério para um bom mapa é se ele propicia ao viajante uma interpretação fiel do território em termos do que ele, ou ela, precisa saber para que a jornada faça sentido. O restante do livro avalia se o mapa fornecido por abordar a Bíblia toda da perspectiva da missão de Deus de fato faz jus ao subtítulo deste livro, permitindo que compreendamos a dinâmica que move a grande narrativa bíblica.

As outras três partes do livro tratam, respectivamente, de três dos principais aspectos da cosmovisão de Israel no Antigo Testamento, que também servem de fundamento para uma cosmovisão cristã quando compreendidos em relação a Cristo:

---

<sup>3</sup>A citação é da resposta escrita, não publicada, de Anthony Billington à minha Palestra Laing no London Bible College, outubro de 1998.

- o Deus da missão (parte II);
- o povo da missão (parte III);
- o palco da missão (parte IV).

Na parte II, examino as consequências missiológicas do monoteísmo bíblico. A identidade, a singularidade e a universalidade de YHVH, o Deus de Israel (cap. 3), e as afirmações diretamente relacionadas a isso que o Novo Testamento faz sobre Jesus (cap. 4) têm consequências enormes para a missão. De fato, a missão cristã não teria nenhum fundamento sem essas afirmações bíblicas sobre aquele que é o único Deus, o Deus vivo que deseja se revelar ao mundo por meio de Israel e de Cristo. Mas não faremos plena justiça ao monoteísmo bíblico se não atentarmos ao conflito entre ele e os deuses e ídolos feitos pelo homem, aos quais a Bíblia dedica tanta retórica e tinta. O conflito com a idolatria é um tema bíblico relativamente negligenciado, que analisaremos e sobre o qual refletiremos um pouco no capítulo 5.

Na parte III, passamos à análise do principal agente da missão de Deus, ou seja, o povo de Deus. Seguiremos a ordem da narrativa bíblica, começando com Israel no Antigo Testamento. Os israelitas foram escolhidos por meio de Abraão, libertos do Egito, incorporados à relação da aliança no Sinai e chamados a uma vida ética que os distinguisse das outras nações. Cada um desses sucessivos grandes temas é rico em importância missional.

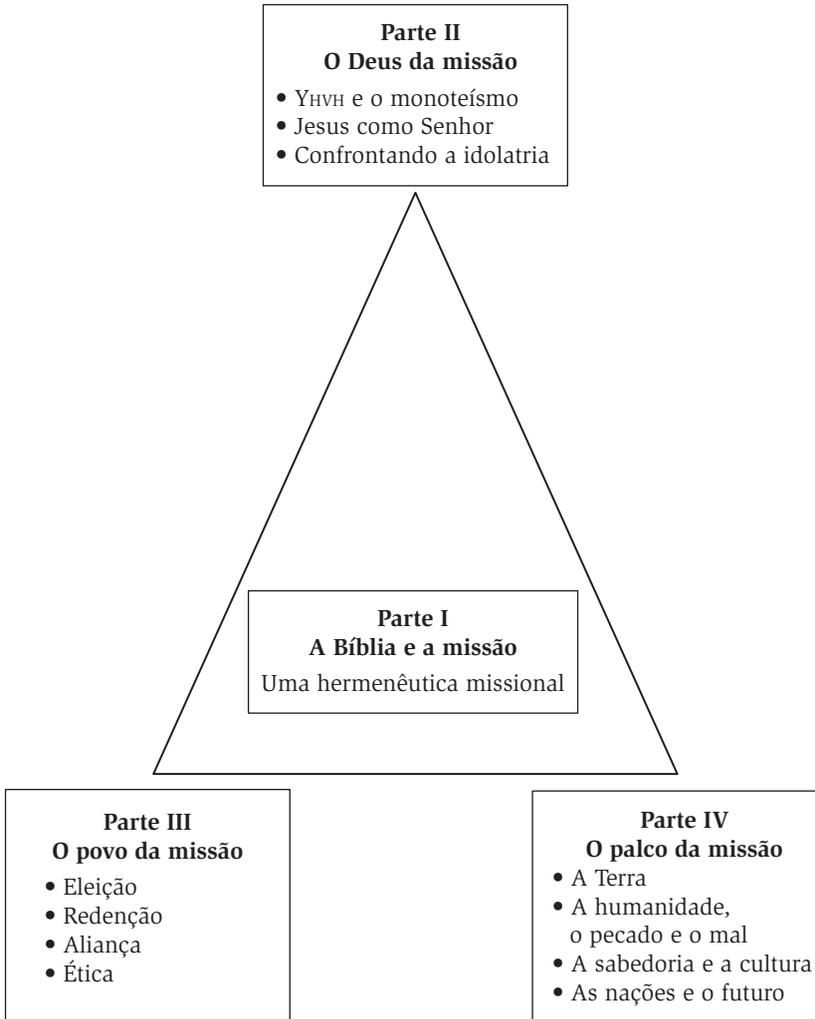
Refletiremos, portanto, sobre:

- eleição e missão (nos caps. 6 e 7);
- redenção e missão (no caps. 8 e 9);
- aliança e missão (no cap. 10);
- ética e missão (no cap. 11).

Na parte IV, passaremos ao cenário mais amplo do próprio mundo — a Terra, a humanidade, as culturas e as nações. Assim, exploraremos primeiro as implicações missionais do fato de a criação ser essencialmente boa, e as conexões entre o cuidado pela criação e a missão cristã (cap. 12). O paradoxo da dignidade humana (visto que somos criados à imagem de Deus) em coexistência com a corrupção humana (visto que estamos numa condição miserável de rebelião contra a autoridade de Deus) tem profundas implicações para a missão, que serão exploradas no capítulo 13, com reflexões sobre a resposta ampla que o evangelho deve oferecer às abrangentes investidas do mal. A tradição da Sabedoria, no Antigo Testamento, é a mais internacional de toda a literatura bíblica e oferece uma fonte rica para a reflexão sobre a teologia e a missiologia bíblicas das culturas humanas. O mundo bíblico é um mundo

repleto de nações, e isso se deve ao propósito da criação de Deus. Qual é o papel delas nas intenções redentoras de Deus? A visão escatológica do Antigo Testamento para as nações certamente fornece algumas das trajetórias mais estimulantes para a retórica missional, tema que será explorado no capítulo 14. Com base nisso, traçarei as perspectivas centrífugas da teologia e prática missionais do Novo Testamento no capítulo 15.

Um esboço esquemático do livro, então, fica mais ou menos assim:



## PARTE I

## A BÍBLIA E A MISSÃO

A missão é o tema fundamental da Bíblia; faz tanto sentido falar da base missional da Bíblia quanto da base bíblica da missão. Mas esta é uma afirmação ousada. Ninguém pensaria em inverter qualquer outra frase que comece com “A base bíblica de [...]”. Há, por exemplo, uma base bíblica do casamento, mas não há, obviamente, uma base marital da Bíblia. Há uma base bíblica do trabalho, mas o trabalho não é o tema fundamental da Bíblia. Não seria minha afirmação, portanto, um pouco exagerada ou mesmo presunçosa? De fato, considerando-se a enorme variedade do conteúdo bíblico e da literatura acadêmica sobre a Bíblia — que se dedica a explorar todas as avenidas e ruelas relativas a gênero, autoria, contexto, ideologia, data, edição e história de todos os documentos que compõem as Escrituras —, será que faz sentido dizer que a Bíblia tem um “tema fundamental”, qualquer que seja ele?

As palavras do Jesus ressurreto relatadas em Lucas 24<sup>1</sup> me encorajam a manter minha afirmação. Primeiro, aos dois discípulos na estrada para Emaús e, mais tarde, aos outros, Jesus declara ser, no papel de Messias, o foco de todo o cânon das Escrituras hebraicas que hoje chamamos de Antigo Testamento (v. 27,44). Estamos acostumados, assim, a falar do foco ou centro cristológico da Bíblia. Para os cristãos, a Bíblia toda gira em torno da pessoa de Cristo.

---

<sup>1</sup>Esse texto também foi usado como ponto de partida para uma teologia bíblica da missão, em 1971, por Henry C. Goerner, *Thus It Is Written* (Nashville: Broadman, 1971).

Jesus, no entanto, foi além da centralidade *messiânica* das Escrituras do Antigo Testamento para tratar também da ênfase *missional* delas.<sup>2</sup>

Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras, e disse-lhes: Está escrito que o Cristo sofreria, e ao terceiro dia ressuscitaria dentre os mortos; e que em seu nome se pregaria o arrependimento para perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. (Lc 24.45-47)

A frase de Jesus começa com a expressão “está escrito”. Lucas não o apresenta citando qualquer versículo específico do Antigo Testamento, mas afirma que a missão de pregar o arrependimento e o perdão às nações é o que “está escrito”. Ele parece afirmar que a totalidade das Escrituras (que conhecemos como o Antigo Testamento) encontra seu foco e cumprimento *tanto* na vida, morte e ressurreição do Messias de Israel *como* na missão a todas as nações, que flui desse evento.<sup>3</sup> Lucas nos informa que, com essas palavras, Jesus “lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras”, ou que, em outras palavras, ele estava definindo a orientação e agenda hermenêuticas deles. A maneira correta de os discípulos do Jesus crucificado e ressurreto lerem as Escrituras é *messiânica* e *missional*.

Paulo, embora não estivesse presente para a exposição hermenêutica do Antigo Testamento no dia da ressurreição, percebeu claramente que seu encontro com o Jesus ressurreto, e seu reconhecimento de Jesus como Messias e Senhor, transformou radicalmente o próprio modo de ler as Escrituras. Sua hermenêutica agora tinha esse mesmo foco duplo. Ao testemunhar diante de Festo, Paulo declara: “não [estou] dizendo nada senão o que os profetas e Moisés disseram que haveria de acontecer. Isto é, como o Cristo deveria sofrer, e como ele seria o primeiro que, pela ressurreição dos mortos, anunciaria *luz a este povo e também aos gentios*” (At 26.22,23, grifo do autor). Essa compreensão dupla das Escrituras, então, moldou todo o currículo de Paulo como o apóstolo do Messias Jesus aos gentios.

Provavelmente seja justo afirmar que, ao longo dos séculos, os cristãos fizeram uma boa leitura messiânica do Antigo Testamento, mas foram deficientes (e às vezes completamente cegos) na leitura missional que fizeram

<sup>2</sup>O uso de *missional* em vez de *missiológico* aqui parece apropriado à luz das definições na introdução (p. 24-25), visto que Jesus estava não só oferecendo uma nova reflexão teológica sobre as Escrituras, como também incumbindo os discípulos da missão. Essa reflexão agora precisa ordenar: “é necessário que [...] o evangelho seja pregado”, “Vós sois testemunhas...”.

<sup>3</sup>Uso “Messias” aqui como indicador convencional da vasta diversidade de termos no Antigo Testamento que descrevem aquele por meio de quem  $\Upsilon\text{H}\omega\text{H}$  realizaria a redenção e a restauração esperadas de Israel, ainda que “messias”, como termo em hebraico, não seja usado no Antigo Testamento como título funcional do redentor vindouro (exceto provavelmente em Dn 9.25).